



Irlandês primata, Irlanda selvagem: a racialização irlandesa nos cartuns de periódicos britânicos e estadunidenses (1860 – 1880).

Lucas Gomes Liza

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Raquel Gryszczenko Alves Gomes

Introdução

A partir da análise de cartuns políticos publicados entre as décadas de 1860 e 1880 nos Estados Unidos e no Reino Unido analisamos, nesta pesquisa, estereótipos que, no período, foram frequentemente atribuídos a grupos irlandeses: a ideia de que eram sujos, donos de temperamento explosivo, preguiçosos, indisciplinados, propensos à violência e à prática fervorosa do catolicismo. Essas características eram atribuídas, sobretudo, àqueles irlandeses que imigraram para os Estados Unidos em meados do século XIX e para os que, na ilha da Irlanda, vivenciaram a crescente escalada das tensões com o Império Britânico. Nesse período, contudo, uma representação específica desse grupo se popularizava: o irlandês símio. Os cartuns que trazem os irlandeses retratados como dotados de características símias fornecem, como fontes, um novo território a ser explorado para investigar as múltiplas formulações concebidas acerca dos irlandeses por parte de diversos segmentos sociais britânicos e estadunidenses. Assim, o objetivo desta pesquisa reside em analisar as estratégias dos cartuns nesta representação simiesca do irlandês e a quais ideias essa construção se refere. Pretende-se explorar questões políticas, de raça, classe, religião e a circulação de técnicas artísticas e ideias no Atlântico Norte numa perspectiva transnacional, levando em consideração que há elementos comuns nas temáticas dos cartuns, como a discussão sobre a integração na sociedade e o movimento nacionalista irlandês.

Resultados

A pesquisa está dividida em três partes que, posteriormente, serão transformadas em uma monografia de conclusão de graduação. Na primeira, investigamos a trajetória de quatro revistas ilustradas, utilizadas como meio de publicação dos cartuns, e seus principais cartunistas durante o século XIX. São duas revistas satíricas britânicas, “*Punch*,

or the London Charivari” e “Judy, or the London Serio-comic Journal”, e duas estadunidenses, “Harper’s Weekly” e “Puck”. O aprofundamento na trajetória destes periódicos enriqueceu nossa abordagem transatlântica, pois observamos que nenhuma das revistas analisadas se mostrava estritamente nacional. Localizadas em grandes centros urbanos de suas respectivas nações – Nova York e Londres –, refletiam e almejavam um público urbano, de classe média-alta e, majoritariamente, masculino – com exceção de *Judy*. No que se refere ao alinhamento político, notamos a adoção de uma postura conservadora pelas revistas ilustradas. Além disso, a crescente circulação desses periódicos e a presença de publicidade em suas páginas revelam pistas sobre período de transição pelo qual a imprensa ilustrada passava. Se antes a maioria de seus representantes apresentavam um modelo voltado apenas para a subsistência, a imprensa ilustrada passava agora a se tornar um atrativo modelo de negócio, voltado para o mercado, ainda que em estágios iniciais. Nesse sentido, a lógica de produção dos cartuns também se alterava. Trabalhar para um periódico significava encarar a presença de um intermediário entre o artista e o público, assim, o processo criativo dos cartuns tornava-se cada vez mais um processo compartilhado entre editor e artista.

A segunda parte foca em conceituar a simianização e sua relação com o desenvolvimento das teorias raciais em meados do século XIX, com ênfase na década inicial e a anterior de nosso recorte (1850-1860). Utilizamos como base teórica para analisar a simianização irlandesa e indicar suas especificidades tanto a obra de Steve Garner, “*The Simianization of the Irish Racial Ape-ing and Its Contexts*”, como a de David Smith e Ioana Panaitiu, “*Aping the Human Essence Simianization as Dehumanization*”. Depois, revisitamos algumas teorias raciais do período, como as desenvolvidas por Robert Knox e Samuel Wells, para analisar como foi construído um determinado tipo racial, oposto ao anglo-saxão, do irlandês. Em seguida, analisamos o impacto das obras de Darwin e das expedições europeias ao continente africano que levaram à descoberta de novos tipos de primatas. Argumentamos que esses dois eventos forneceram uma conjuntura única para o processo de simianização irlandesa. Levando em consideração que produção historiográfica sobre a Irlanda oitocentista ainda é pequena no Brasil, contextualizamos as décadas anteriores às delimitadas na pesquisa (1840-1850), dando ênfase à *An Gorta Mór*¹ e suas consequências, como a intensa imigração irlandesa para os Estados Unidos e Grã-Bretanha e a utilização de sua memória pelos movimentos nacionalistas irlandeses das décadas de 1860 e 1870. Assim, por fim, podemos

1 Termo irlandês para “A Grande Fome”. Foi um período caracterizado pela fome, doenças e emigração em massa decorrente de um fungo que contaminou as plantações de batatas da Irlanda entre 1845 e 1849.

contextualizar as principais disputas políticas do período, que serão temas dos cartuns analisados.

Na terceira parte, analisamos as representações irlandesas nos cartuns. Neles, os irlandeses, ao estarem representados de forma simiesca, são imagetivamente descritos como violentos, selvagens e sub-humanos. Nesta última parte, à medida que a análise é feita, sugerimos que a construção racial dos irlandeses não pode ser explicada somente por características fenotípicas. Há também elementos religiosos, de classe e ligados ao seu ativismo político. Nesse ponto, partimos de Michael de Nie e de obra "*The Eternal Paddy*" ao encararmos raça como uma metalinguagem do discurso anglo-saxão, que agiria como um veículo que expressa suas ansiedades e preconceitos. Dividimos nossa análise em quatro categorias: "raça", "religião", "classe" e "nacionalismo e ativismo político". Em cada uma delas, há a seleção de cartuns que melhor destacam os elementos da categoria – visando, assim, a compreensão dos eventos retratados e as tensões que os permeavam. Porém, na análise de cada cartum, buscamos ressaltar como os diversos elementos da imagem se interligam. Por fim, temos que, na questão racial, a construção do irlandês é dada como celta, oposto ao anglo-saxão e, muitas vezes, o principal Outro a partir do qual é construída a própria identidade anglo-saxã; na questão religiosa, temos uma movimentação anticatólica nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, pautada em torno da questão ultramontana; no que se refere à classe, estão mais vulneráveis ao aspecto degenerado nos cartuns aqueles irlandeses mais pobres e engajados no ativismo político, especialmente aqueles ligados aos movimentos nacionalistas, como o Fenianismo.

Conclusão e Discussão dos Resultados

A pesquisa permitiu compreender que as imagens presentes nos variados periódicos refletem a complexidade das relações no século XIX entre grupos nacionalistas irlandeses e a classe-média/elite britânica e estadunidense. Estes últimos, construíam, a partir de múltiplos elementos como raça, religião, classe, gênero e atividade política uma concepção singular sobre os primeiros. Interligados entre si, sugeriam uma série de características intrínsecas aos irlandeses, das quais destacamos: a propensão à luta, corrupção moral e política, violência política, proximidade ao negro, indisposição para o trabalho, aversão à democracia, atraso civilizacional e a ocupação da posição de elo perdido.

A simianização empregada aparenta agir como metáfora que, como representação, confina estas características ao corpo, ou seja, confere visualidade e materialidade às

ideias. Ao mesmo tempo, desumaniza o irlandês, mascarando as relações de poder e dominação – dissimulando o grupo opressor e oprimido. Observamos, ainda, que o crescente esforço em se distanciar racialmente dos irlandeses está relacionado à utilização desse grupo como elemento que garante coesão ao vínculo anglo-saxão forjado entre os Estados Unidos e a Grã-Bretanha. O discurso anglo-saxão ligava os irlandeses às origens celtas, não às anglo-saxãs. Embora coexistissem com anglo-saxões, pensava-se que careciam de importantes traços dos mesmos, como o autocontrole, alto intelecto e a capacidade de autogoverno. Para a Grã-Bretanha, significava um discurso de manutenção do Império e de suas relações coloniais com a Irlanda; já para os Estados Unidos, funcionava como uma justificativa de suas pretensões imperialistas, uma vez que os causadores da desordem interna e ameaças à república seriam de origem estrangeira, cabendo aos estadunidenses, defensores da democracia, garantir e levar a liberdade a outros locais – dialogando intimamente com a doutrina do Destino Manifesto.

Portanto, ao retratar os irlandeses, especialmente aqueles ligados a movimentos nacionalistas, como monstros semelhantes a macacos, sub-humanos e inferiores, a imprensa cômica britânica e estadunidense reforçava valores culturais hegemônicos que cercavam a suposta degeneração dos irlandeses. Ela também invocava, implícita e explicitamente, temas imperialistas de controle e poder. Por fim, esses periódicos possuíam uma grande audiência e, ao produzir e reproduzir essas caricaturas, esta imprensa contribuía visualmente no processo de alteridade envolvendo o anglo-saxão e o celta.

Referências Bibliográficas

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro, RJ; Lisboa [Portugal]: Bertrand Brasil: DIFE, 1990.

CURTIS, Lewis Perry. *Apes and Angels: the irishman in victorian caricature*. 2. ed. Washington, D.C: Smithsonian Institution Press, 1997. Disponível em: «<https://archive.org/details/apesangelsirishm00curt>». Acesso em: 15 jun. 2020.

GARNER, Steve. The Simianization of the Irish Racial Ape-ing and Its Contexts. In: HUND, Wulf; MILLS, Charles; SEBASTIANI, Silvia (Ed.). *Simianization: Apes, Gender, Class, and Race*. S.i: Lit Verlag Munster, 2015.

NIE, Michael de. *The Eternal Paddy: Irish identity and the British press, 1798-1882*. Madison: University Of Wisconsin Press, 2004.

SMITH, David; PANAITIU, Ioana. Aping the Human Essence Simianization as Dehumanization. In: HUND, Wulf; MILLS, Charles; SEBASTIANI, Silvia (Ed.). *Simianization: Apes, Gender, Class, and Race*. S.l.: Lit Verlag Munster, 2015.